

O Corpo no chão: considerações acerca de Ensaio Sobre a Cegueira, de José Saramago

Higor David Rosa^{1*} **

*Nós somos todos marionetes, Laurie. A diferença é
que eu enxergo as minhas cordas.*

(Dr. Manhattan, em Watchmen, de Alan Moore)

Eram 19h50, talvez 20h, mas certamente alguma coisa após 19h20. Peço as devidas desculpas, mas se há algo que essa vida certamente me ensinou foi a não enxergar a contagem do tempo. Se ergo o pulso é mais por automatismo, como dar boa noite ao vigia na entrada dos estabelecimentos comerciais, ou explicar de antemão à caixa do supermercado que o pagamento será no débito. O cenário também não me é claro, talvez chovesse, talvez fosse a chuva lá fora que ecoava texto adentro. O fato é que as sirenes eram tantas que sedavam os olhos, coisa que todos bem sabem ser uma benesse aos moribundos, mas certamente um problema às testemunhas. Naquele dia, uma terça-feira, tinha abandonado as tarefas restantes a fim de chegar em casa mais cedo e ter comigo a leitura deste mesmo livro sobre o qual conversamos e que, nestes momentos, pouco aparece, mas está em todo lugar, já que falo apenas do que olho, mas procuro, sem dúvida alguma, falar do pouco que vejo.

A primeira delas é que estávamos cegos. Eu, principalmente. Estava parado à meia-luz entre a lua e as sirenes, de frente para um poste inativo, provavelmente a lâmpada soltara-se do contato depois do impacto. À volta, outros tantos, tingidos de vermelho e azul, como monstros à espreita na selva, os olhos brilhando de tanta sede, assistíamos à remoção do velho ferido como se a situação fosse a todos muitíssimo familiar, dada a eloquência com que, um a um, produzíamos interjeições. Não obstante, via-se, enquanto passavam os paramédicos, os olhos da multidão dizerem uns aos outros que esse morria logo, não

.....

¹ *Graduando do curso de Português-Literaturas, da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. O presente ensaio foi desenvolvido como trabalho final de curso, à luz das discussões elaboradas ao longo das aulas de Narrativa Portuguesa II, sob orientação da professora Aline Erthal (CLA/FL – UFRJ).

**Compreendendo o caráter literário do gênero ensaio, bem como a impossibilidade de qualquer relação que não a simbiose entre o plano estético da crítica e do objeto criticado, o texto a seguir, tal como a obra de Saramago, contém algumas liberdades ortográficas, especificamente no que diz respeito à pontuação.

em decorrência dos ferimentos, mas porque era velho, e que afinal espera-se dos velhos nada menos que a eventual falência múltipla dos órgãos, quando não direto o coração, esse que a dor e o peso costumam atingir primeiro que a todos os outros.

Reservadas as proporções, a ambulância tardou a zarpar. Erguia a sirene ao sabor do vento, sumindo de vez, como a névoa da manhã, que passadas as primeiras horas de sol já ninguém lembra que em algum momento esteve por ali. Foi o sinal esperado para que o guarda fosse em direção aos cones que engarrafavam os carros do outro lado da cena, numa espera que se sabia longa, porque as buzinas já eram inúteis, restava só a luz muito branca dos faróis, esses nunca apagados, não importando a dimensão do trânsito, já que, sem eles, certamente todos concordariam envolver-se com ainda mais frequência em acidentes. Entretanto, ali estávamos agora, competindo com os carros que furavam o bloqueio bem devagar, liberados apenas na pista mais estreita dentre as três que compunham a rua, a deslizar lentamente os olhos e as rodas até o corpo do rapaz, esse que não passava dos trinta, alguém perguntou, mas ficou no escuro a resposta, o que serviu de consolo foi que um ou outro acenava a cabeça como quem está a dizer, sim, era certo que não passava. Todos concordaram e assim ficou acertado. Imagino ter alguém pensado que talvez passasse, que era claro que passava, que talvez chegasse mesmo aos trinta e três, mas em verdade não há como ser objetivo com essas coisas, tampouco garantir que a decantação do tempo não se trate de mero capricho do autor.

Ironicamente, ao rapaz de bermuda branca, camiseta salmão, talvez desbotada do vermelho ou de um tom desnutrido de rosa, muito provavelmente todas essas cores, já não valia de nada o correr do tempo. Estava com a cabeça arrebentada pela força do choque, à beira do poste, esparramados sangue e miolos para todos os lados. Pergunto-me agora quem deve tê-los limpadado, já que hoje não estavam mais ali. Realidades mínimas essas que a distância nos faz encarar, mas decerto máximas a quem está à medida de um cabo de vassoura. Naquela noite, entretanto, fazíamos pouco dos calculismos em geral, já que lidávamos face a face com o atropelamento do velho pelo rapaz da moto, que deixara o segundo com a cabeça estilhaçada, mas o primeiro à beira da morte, a exibir suas consequências em horário nobre, bem à porta do 194-A, onde eu devia estar se não tivesse atrasado por conta de um aluno que precisou de aula extra.

Retive-me à cena por longo tempo, não porque era impossível entrar no prédio, mas porque é isso que os acidentes fazem, nos retêm como urubus, famintos por qualquer informação que sacie a necessidade. É preciso considerar, contudo, que também paramos porque há mais num acidente que a mera interrupção da rotina, há mais na morte que a dor dos outros, nunca a nossa, porque há, num acidente, a chance de enfrentar a simultaneidade de um acontecimento. E aqui peço a devida

licença às palavras de Einstein, que ao explicar a relação entre a chegada de um trem e os ponteiros do relógio, disse que se o trem chega às 7h, quero dizer que a coincidência do ponteiro pequeno do meu relógio e a chegada do trem são acontecimentos simultâneos (EINSTEIN, 1905). Note, nesse caso, a relevância da palavra coincidência, que para a física, tanto quanto para todas as coisas que a física diz e que, neste momento, são as mesmas de que falamos, não estabelece uma relação de acentuada significância, pois trata meramente de acidentes no tempo das coisas. No entanto, lá estávamos nós, àquela hora, àquele lugar, enfrentando a força da simultaneidade entre o velho à beira da morte, o rapaz da moto e a árvore que, diziam os porteiros dos prédios, impediu tanto a visão de um, quanto do outro que, em consequência dessa impenetrável lei, encontraram-se igualmente impedidos de ocupar o mesmo lugar na rua.

Essas duas coincidências, a do choque entre os acidentados e a do momento em que passávamos os demais, foi o que nos forçou àquela hora a ter de lidar com o aterrador acontecimento. Sabíamos, claro, que Deus escreve certo por linhas tortas, pois logo estaríamos em casa, na segurança de nossos lares, tranquilos, e que, possivelmente, esqueceríamos tudo nas próximas horas, talvez até dormiríamos em paz. O que não sabíamos é por que o faríamos. Afinal, lidar com um acontecimento é ser marcado de alguma maneira por ele, como sustentava Heráclito¹ ao dizer que não é possível entrar duas vezes no mesmo rio (apud SAUDELLI, 2011) e, nesse caso, não é possível encarar duas vezes o mesmo sangue. Portanto, se de alguma forma somos capazes de encarar os miolos do rapaz da moto espalhados pelo chão e voltar para nossas vidas como se nada tivesse acontecido, há aí sinal que, de alguma maneira, Heráclito errou em sua proposição ou, quem sabe, de que algo mudou, mas nós, que não olhávamos, não percebemos.

É valendo-me disso que, penso, Saramago ensaia não sobre os cegos, mas sobre a cegueira. Isso porque pensa ele também sobre a potência que se camufla num acontecimento aterrador para tentar ilustrar que há nele uma tragédia ainda maior: nenhum de nós o vê. Consequentemente, o acidente não é o acontecimento, mas a própria cegueira. Os inúmeros casos, os inúmeros incidentes, os inúmeros sofrimentos que se estendem para tanto quanto a narrativa pode alcançar nada mais são que seus desdobramentos. É por estar cego, afinal, que há sujeira, que há sangue, que se comem porcarias, que há tantos mortos. “Não vê-los é posterior à morte, não vê-los é um velho costume da humanidade, esse de passar ao lado dos mortos e não os ver, disse a mulher do médico” (SARAMAGO, 1995, p. 284). E não vê-los é não enterrá-los, não chorá-los, não sentir que algo se perdeu. São apenas mortos, corpos jogados à beira da rua, a moto de um lado, o velho à

.....
¹ A rigor, essa seria uma paráfrase atribuída a Platão, que, na ocasião, tentava explicar a parábola de Heráclito (In: SAUDELLI, 2011).

beira da morte de outro, o rapaz da moto mais acima, perto da calçada, formando um tipo de triângulo que àquela altura nos parece a mais possível das coisas. Humor perverso tem o acaso, que começa as coisas onde as outras terminam.

Na cena, voltam ao caminho, aos elevadores, depois aos apartamentos, os primeiros que se dão por satisfeitos com a brutalidade que há tanto têm visto nos cinemas, na televisão, na internet, essas coisas que no mundo real não são ensaios, são estreias, prova disso é que pulsa ainda sangue para o lado de fora da cabeça a intervalos regulares, bem como se dilatam involuntariamente as partes mais improváveis dos corpos no chão. Alguém se espanta por conta de uma barriga terrivelmente inchada, ninguém chega a mencionar que é isso o que acontece quando uma moto acerta um velho a sabe-se lá quantos quilômetros por hora, não só rompem-se os capilares, a transbordar hemácias pelo tecido subcutâneo, mas há vezes em que se rasgam as artérias, apertadas contra a parede dos órgãos e, pela perda de sangue, chegamos ao que os médicos chamam choque hipovolêmico, causa do inchaço e, muitas vezes, *mortis*. Não há razão, no entanto, para que se mencionem essas tecnicidades, pois tudo o que vale é a barriga, ou, ainda mais, a impressão da barriga, que não é mais barriga, e sim, pela força que têm os adjetivos, barriga inchada. Esse estranhamento, certamente moderador de opiniões, é, de alguma maneira, ele próprio estranho, pois pensa o homem como recorte, como barriga inchada, não como homem. É sintoma, talvez, de uma cegueira que tende a dividir as coisas, a enxergar sempre a parte, nunca o todo. Algo parecido com o que faz, no *Ensaio*, o médico, que, ao ter no consultório o primeiro cego, trata-o com a displicência de quem, como oftalmologista, não vê homem, apenas olhos:

Bem, vamos lá então observar esses olhos. O cego abriu-os muito, como para facilitar o exame, mas o médico tomou-o por um braço e foi instalá-lo por trás de um aparelho que alguém com imaginação poderia ver como um novo modelo de confessional, em que os olhos tivessem substituído as palavras, com o confessor a olhar diretamente para dentro da alma do pecador (SARAMAGO, 1995, p. 23).

Ou o ladrão, que ao voltar para o carro do primeiro cego, vê o carro, apenas o carro, e pensa na oportunidade de lucrar, mas não vê que há uma ligação entre esse e o primeiro cego, assim como, momentos depois, já nas camaratas, quando alinhavam-se todos para ir às retretes, vê o perfume da mulher, vê, mais uma vez, as próprias necessidades, mas não vê que diante dele há um sujeito, alguém que é maior que a mera aparência dos seios e da nuca.

Colocado atrás da rapariga dos óculos escuros, o ladrão, estimulado pelo perfume que se desprendia dela e pela lembrança da ereção recente, decidiu usar as mãos com maior proveito, uma acariciando-lhe a nuca por baixo dos cabelos, a outra, directa e sem cerimónias, apalpando-lhe o seio (SARAMAGO, 1995, pp. 56-57).

Esse processo, de enxergar em partes, de estar cego aos planos maiores e às conexões entre as coisas, parece estar diretamente ligado a uma necessidade de atender a certos interesses. No caso do médico, por exemplo, o de atender ao trabalho, não o paciente; uma necessidade técnica, profundamente utilitária que, por pressão constante, inscreve-se no sujeito de tal maneira que alimenta a ilusão de que fazê-lo é, de alguma forma, parte constitutiva da própria identidade. Consequência, enfim, das limitações do processo civilizatório, da marcha para o progresso, que massacra as relações humanas em prol da produção, do lucro, das necessidades do capital e, por indução, também as do sujeito. Já no caso do ladrão, narram-se, constantemente, os instintos, as necessidades mais selvagens que, tendo elas nascido ou sido postas, acabam servindo ao mesmo processo, esse de reificar o todo pela vista da parte. O que se encara, portanto, não é um outro, mas um objeto do trabalho, um objeto do desejo, enfim, o constituinte a que se olha numa relação inflexível entre sujeito-verbo-objeto, em que Eu é sempre sujeito, aplicado a um verbo, que tem como objeto, invariavelmente, o outro.

Há certo procedimento, entretanto, que, mesmo não aparecendo, parece nos servir como alternativa. Um que surge da experiência de estar cego num mundo que o teme, uma experiência de opressão, do mais profundo sofrimento. É nele que a metáfora se desenrola e a cegueira aparece não sob a forma do mal branco, mas da necessidade de segregar os que dele sofrem. São os momentos em que o livro mais se aproxima da historiografia ocidental, quando se despe da capa fantástica e demonstra a tênue linha entre ficção e realidade. É o isolamento dos cegos, chamado quarentena pelos que a decidem, que não se trata apenas de um isolamento dos doentes, mas de sua identidade, já que lhes toma a vida e os encarcera num manicômio, coisa que por si só nos remete aos alienistas do século XIX, quando a ciência, tão certa de suas conclusões, determinava destinos sem levar em conta os interesses sociais que estavam em jogo, ou levava-os, ainda que para a própria conta. Assim, não só é simbólico dessas práticas que o manicômio seja o lugar escolhido, como também nos serve de metáfora maior para o que se dará no interior do lugar. Afinal, os cegos, alienados a respeito do que acontece no mundo exterior, sem água encanada, sem utensílios básicos para a vida doméstica, dependendo da pouca comida que, quando chega, é insuficiente, vivem, de alguma maneira, afastados de tudo que os fazia humanos, talvez mesmo de tudo que os fizesse animais, pois da mesma forma que vivem como selvagens, estão, em oposição, num *habitat* majoritariamente humano, longe da selva, dos recursos naturais, da liberdade; habitam, por isso mesmo, um lugar que foge completamente a quaisquer realidades possíveis, tanto do mundo selvagem, quanto do civilizado; são, por isso, loucos num manicômio, abandonados à própria loucura, a subsistir dela e das três refeições que se entregam nos respectivos momentos do dia. Loucura essa ilustrada

na percepção do médico, que entende, em determinado momento, a terrível relação entre o horror do mundo sensível e a narrativa do mundo que, cego, precisa construir.

O fodor asfixiava. Tinha a impressão de haver pisado numa pasta mole, os excrementos de alguém que não acertara com o buraco da retrete ou que resolvera aliviar-se sem querer saber mais de respeitos. Tentou imaginar como seria o lugar onde se encontrava, para ele era tudo branco, luminoso, resplandecente, que o eram as paredes e o chão que não podia ver, e absurdamente achou-se a concluir que a luz e a brancura, ali, cheiravam mal. Vamos endoidecer de horror, pensou (SARAMAGO, 1995, pp. 96-97).

Talvez por isso haja, entre os cegos, a onipresente necessidade de encontrar, de alguma maneira, a humanidade perdida. Para isso, precisam pensar fora da lógica utilitarista e autocentrada que antes lhes era tão natural. Isso porque, para encontrar a humanidade, é preciso, primeiro, ser capaz de vê-la e, ao vê-la, repará-la, não em si, mas no outro. Afinal, não se pode afirmar o que é comum aos homens se não houver algo que os permita sentirem-se como iguais.

Uma das maneiras mais simbólicas de demonstrar esse procedimento talvez esteja na relação quase umbilical de identificação entre os cegos encarcerados e o mundo exterior, fortemente expressa nos mais brilhantes momentos do radinho de pilha do velho da venda preta.

O ponteiro de sintonização continuava a extrair ruídos da pequena caixa, depois fixou-se, era uma canção, uma canção sem importância, mas os cegos foram-se aproximando devagar, não se empurravam, paravam logo que sentiam uma presença à sua frente e ali se deixavam ficar, a ouvir, com os olhos muito abertos na direção da voz que cantava, alguns choravam, como provavelmente só os cegos podem chorar, as lágrimas correndo simplesmente, como de uma fonte (SARAMAGO, 1995, p. 121).

É, sem dúvida, da maior relevância que a canção seja marcada como “sem importância” pouco antes dos cegos se aninharem como que por instinto, respeitando os espaços particulares, numa comunidade de iguais, todos cegos, todos terrivelmente distantes, ouvindo a mesma música que, naquele momento, tem a maior das importâncias, pois a ela não se atribui quaisquer diferenças de valor, não, claro que não, não se trata de boa música, má música, alta cultura ou cultura popular, mas de música e, mais ainda, do mundo exterior, antes não visto, esquecido à porta do menosprezo, agora vívido e comum, o mesmo mundo para todos os órfãos.

Na cena do acidente, à porta do 194-A, onde eu deveria ter entrado, mas não o fiz porque alguma coisa me chamava em direção ao meio-fio, às sirenes, ao corpo sem vida do outro lado da rua, não havia música. Tínhamos, claro, a certeza de que voltaríamos a um lugar confortável, com água encanada e chuveiro quente, portanto não era falta de dignidade o nosso problema, pois ainda que a tivéssemos, não a víamos, e de que ela adianta, afinal, se a temos pela posse e não pela lucidez. Veio então o grito e nos arrancou os devaneios da voz, era a mãe, ninguém

precisou perguntar, todos se entenderam calados. Acudida por dois outros, não sabíamos ao certo de onde surgiu. A mulher cambaleava pela calçada, gritava tão alto que as lágrimas pareciam correr pela garganta, queria saber do filho, queria vê-lo antes de acreditar, mas, sobretudo, queria morrer antes de vê-lo.

A essa altura, vieram mais curiosos dos apartamentos, uns ainda de pijamas, outros com a pouquíssima roupa que se deixa à hora de dormir. A mãe tentou, de toda maneira, agarrar o corpo estendido do filho, erguê-lo ao colo, banhá-lo-ia se tivesse a chance, depois costuraria a cabeça, daria das próprias veias o sangue que lhe faltasse, mas pode apenas tocá-lo a fronte, muito de leve, ver-lhe as roupas do corpo e parte do cérebro talvez, nada mais, pois um polícia, num movimento rápido, interpôs-se entre a mãe e a morte. Não, minha senhora, não há o que ver aqui, deve ter dito, depois um paramédico ecoou as palavras, mas a mulher gritou de volta, Eu quero morrer, meu filho, eu quero morrer. Nenhum de nós sabia o que fazer, mas era notável que as cabeças baixavam em sinal de respeito. Os mais introspectivos olhavam para os lados e coçavam os queixos, diziam meia dúzia de automatismos os ansiosos. Ninguém, no entanto, ousava atravessar a rua, dar sequer um passo, como se soubéssemos todos que aquele era nosso lugar, e que diante do sofrimento da mãe o que se podia fazer era apenas estar. Sem dúvida alguma estávamos cegos, todos nós, mas ouvíamos bem, muitíssimo bem, ouvíamos os gritos da mãe do rapaz da moto como música, nem boa nem ruim, que não era hora de tais juízos, era apenas o que era, música sôfrega, terrível, que ecoava dor acumulada, não de anos do passado, de anos do futuro, tantos quantos ela ainda tivesse a viver.

Depois de algum tempo, a mulher já sentada na cadeira que o síndico do 194-A arranjara-lhe para descansar os pesares, medicada com uma mistura de água e algum calmante que uma dona do prédio ao lado depois confessou ter batizado, a polícia do outro lado da rua, um deles de cara insatisfeita, o outro a rir numa conversa com o controlador de tráfego, que agora, um pouco mais alerta, guiava os carros para bem longe do meio-fio. Queria afastá-los do alcance da mãe do rapaz da moto, que não parara sequer um minuto de uivar ao telefone, toda a família na linha, um por vez, num ritual metódico que parecia, ao menos por enquanto, encarcerar o ímpeto que minutos atrás a fizera correr em direção ao tráfego e quase ser atingida em cheio por um táxi. Do outro lado da rua, o corpo do rapaz da moto agora sob um cobertor de lã, como se ocultá-lo fosse agora a única solução possível para reestabelecer as coisas à devida ordem. O asfalto, afinal, é dos vivos, não é decente que os mortos espalhem por aí suas eternidades, deitados à revelia como mendigos sob as marquises.

Já tudo sob controle, não fazia mais sentido estar ali. Lembro de ter buscado atender às necessidades da mãe, agora pior de todas as órfãs, de filho, alguém disse, como se o estado natural das coisas fosse rompido pelo acaso, que, de tempos em tempos, vem mostrar que aos

homens nada pertence, nem mesmo suas próprias invenções. Aquelas não eram palavras estranhas, pois imediatamente ocorreu-me o que dizem de minha avó, que bem cedo perdeu uma das filhas num acidente de moto às vésperas do natal, fato que a mim surgiu como prova de que o autêntico eterno retorno é o das palavras¹ (SARAMAGO, 1995, pp. 286-287), ditas pelas mesmas razões, primeiro minha tia, agora vai ser o rapaz da moto, depois de enterrados não se notarão as diferenças, salvo se as tiver guardado alguma memória² (SARAMAGO, 1995, p. 287), que é, sem dúvida, trecho ainda mais importante que o próprio eterno retorno, pois não só o delimita como também o esclarece, provando também a força das condicionais. Afinal, se está ele entre os temas mais relevantes da obra, que fala da cegueira como Deleuze da roda em movimento centrífugo, retornando sempre que se sofre em alguma medida com as consequências da cegueira, também é verdade esclarecer-nos, ao lembrar-se da memória, que o eterno retorno nunca é do mesmo, como ingenuamente alguns interpretam, mas de outro, como diz Deleuze:

O eterno retorno produz o devir-ativo. Basta remeter a vontade de potência ao eterno retorno para se perceber que as forças reativas não revêm. Tão longe quanto possam ir e tão profundo possam ser o devir reativo das forças, as forças reativas não retornarão. O homem pequeno, mesquinho, reativo, não revirá.

Apenas revém a afirmação, apenas revém o que pode ser afirmado, apenas a alegria revém. Tudo o que pode ser negado, tudo o que é negação, é expulso pelo próprio movimento do eterno Retorno [...]. O eterno Retorno deve ser comparado a uma roda: mas, o movimento da roda é dotado de um poder centrífugo, que rechaça todo negativo. Porque o Ser se afirma do devir, ele expulsa de si tudo o que contradiz a afirmação, todas as formas de niilismo e de reação: má-consciência, ressentimento [...] só os veremos uma vez [...]. O eterno retorno é a Repetição: mas é a Repetição selecionadora, a repetição que salva. Prodigioso segredo de uma repetição libertadora e selecionadora (DELEUZE apud D'ORIO, 2006, pp. 71-72).

Penso, portanto, que, tal como foram as consequências do acidente de que fui testemunha, bem como toda a experiência dos cegos no *Ensaio*, o que se ensaia é um retorno inevitável à condição de cego, pois de nada vale meramente compreender-se como tal, é preciso experimentar e, mais ainda, tornar a experimentar, num constante exercício de autoconhecimento, não só para que sejam entendidas as manifestações da cegueira, mas as tantas maneiras de pensar uma ética que as corrija. Para isso, a palavra é a verdadeira criadora. Palavra que, no texto de Saramago, não está na primeira vez, mas está na segunda, “Salvo se as tiver guardado alguma memória”; eis a diferença produzida no eterno retorno. Penso que todo o texto é montado a partir dessa experiência, do revir, que é um devir-ativo no outro, acionado pela experiência traumática, que permite ao cego ver que não está sozinho, e que, mais importante, não estar sozinho não significa estar preenchido, mas estar incumbido da responsabilidade de existir em conjunto.

1 Trecho adaptado.

2 Trecho adaptado.

Por isso, não só temos um grupo que parece predestinado à comunidade, mas também um que não se separa. E se não o faz é porque, de alguma maneira, desde o início os cegos enxergam algo, que devem permanecer juntos para que resistam à adversidade, para que sejam, enfim, humanos. Disso não faltam exemplos, pois não só estão os cegos a andar com os braços sempre dados, como também o único deles que decide seguir um caminho de solidão, o ladrão, é também o primeiro a morrer. A mensagem, portanto, é bem clara: na dureza desse mundo, não se pode viver sem os outros. Coisa essa manifesta também em outros tantos trechos:

[...] por favor, obrigaram-nos a viver juntos não sabemos por quanto tempo, portanto é indispensável que nos conheçamos uns aos outros. O ladrão do carro resmungou entredentes, Sim, sim, julgou que isto ia bastar para confirmar a sua presença, mas o médico insistiu, A voz é de pessoa relativamente nova, você não é o doente idoso, o da catarata [...] (SARAMAGO, 1995, p. 52).

Em que o médico demonstra tanto a necessidade de estarem juntos, como também de que, para isso, devem ver a si mesmos. Um gesto tanto de elucidação quanto de confiança, já que a verdade dependeria da honestidade de quem diz. O ladrão, desde cedo, expressa o espírito individualista que, bem sabemos, o levará à ruína, mas o médico insiste, quer saber se pode fazer-lhe uma imagem mental, não quer, como pensava o ladrão, saber de sua presença, quer efetivamente vê-lo: “[...] A discussão não resolve nada, disse a mulher do médico, o carro está lá fora, vocês estão cá dentro, o melhor é *fazerem as pazes*, lembrem-se de que vamos viver aqui juntos [...]” (SARAMAGO, 1995, p. 54, grifo meu). Nestes trechos, reduzem-se sempre as dissonâncias, os conflitos, e, pelo uso da palavra, essa que é tão importante à transformação, buscam todos um ponto de convergência, uma união que os torne não apenas mais fortes para superar os obstáculos, como também mais conscientes do fato de que há um outro, e de que esse outro é parte integrante de mim.

[...] O velho da venda preta, que pelos vistos algumas lições de tática devia ter aprendido na sua juventude, lembrou a conveniência de se manterem *sempre juntos e virados na mesma direcção*, por ser essa a única forma de não se agredirem uns aos outros (SARAMAGO, 1995, p. 198, grifo meu).

Por isso, claro, as escolhas vocabulares tão sutis e importantes para o desenvolvimento deste lado da teia narrativa, em que estar “sempre juntos e virados na mesma direção” é a única forma de não se agredirem uns aos outros, coisa que era bem verdade, dado o tamanho do conflito que precisavam enfrentar. Essa cena, por sinal, em que os cegos organizam-se como um batalhão para enfrentar os malvados, não só deixa clara a ética construída ao longo do livro, como também despe-se da ingenuidade de esperar que isso seja feito num mundo de utopias. Afinal, o que se vê são os cegos agrupados para enfrentar um poder despótico, composto por sujeitos que não só os privaram da comida, como também violaram as mulheres apenas para que pudessem satisfazer as

próprias necessidades. Narra-se, portanto, o conflito catártico entre os valores individuais e os coletivos, entre os que enxergam apenas a si mesmos e os que enxergam aos outros e que, justamente por fazê-lo, não só sabem que devem enfrentá-los, como também têm consciência das implicações desse conflito. É o fardo da mulher do médico, a sofrer indefinidamente pelo crime que, pelo bem de todos, teve de cometer.

Assim, separar-se é, sem dúvida alguma, uma sentença de morte, pois é, necessariamente, deixar de ver o outro, é perder-se num mar de estímulos que é causa primeira da cegueira. O resultado não é fortalecer-se, mas ser partido em pedaços, ser dividido o próprio corpo para que os outros sejam nutridos, daí o uso do vocábulo destroçados para definir-lhes o destino hipotético da separação: “Voltemos à questão, disse a mulher do médico, se continuarmos juntos talvez consigamos sobreviver, se nos separarmos seremos engolidos pela massa e destroçados” (SARAMAGO, 1995, p. 245).

Outro recurso muito usado para exprimir a força da confluência são as comparações feitas entre a união dos cegos do grupo protagonista e algumas imagens alusivas a coletivos naturais, como a pinha e o rebanho, destacadas a seguir:

[...] Avançando juntos, *como uma pinha*, romperam caminho por entre os cegos das outras camaratas. Quando alcançaram o átrio, a mulher do médico compreendeu logo que nenhuma conversação diplomática iria ser possível, e que provavelmente não o seria nunca (SARAMAGO, 1995, p. 138, grifo meu).

Ou

Num momento alguém se recorda de que a mulher do médico ainda tem uns olhos que vêem, onde está ela, pergunta-se, ela que nos diga o que se passa, por onde deveremos ir, onde está, estou aqui, só agora é que consegui sair da camarata, a culpa foi do rapazinho estrábico que ninguém conseguia saber onde se tinha metido, agora já está aqui, agarro-o com força pela mão, teriam de arrancar-me o braço para que eu o largasse, com a outra mão seguro a mão do meu marido, e depois vem a rapariga dos óculos escuros, e depois o velho da venda preta, onde está um está outro, e depois o primeiro cego, e depois a mulher dele, todos juntos, apertados *como uma pinha*, que, espero bem, nem este calor há-de abrir (SARAMAGO, 1995, p. 208, grifo meu).

Ou ainda: [...] Mantêm-se juntos, apertados uns contra os outros, *como um rebanho*, nenhum deles quer ser a ovelha perdida porque de antemão sabem que nenhum pastor os irá procurar (SARAMAGO, 1995, p. 211, grifo meu).

Todas essas imagens que refletem a mudança de postura dos cegos em relação ao apresentado no início da narrativa, quando se enxergavam mais em partes que em todo. Isso é possível graças ao movimento centrífugo do eterno retorno, continuamente a lhes impor o desafio do individualismo, que, não apenas nesses momentos, mas sobretudo neles, surge como argumento de que o darwinismo social, esse equivocado monstro de Frankenstein, seria a única força capaz de garantir a sobrevivência da humanidade. No entanto, a pergunta

fundamental que Saramago parece nos deixar não diz respeito à sobrevivência da raça como corpo, esse sim darwinista, mas daquilo que nos define como tal. À parte isso, somos nada. É o que constata a rapariga dos óculos escuros, já bem perto de recuperar a visão: “Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos” (SARAMAGO, 1995, p. 262).

É essa coisa o que nos acompanha desde que a luz pela primeira vez encontra os olhos, até apagar-se quando a moto atinge o velho à beira da morte, o corpo agora no chão, do outro lado o rapaz da moto, sem vida, formam os três um triângulo. Já na terça-feira, à porta do 194-A, onde eu deveria estar, mas não estou, 19h50, talvez 20h, mas certamente alguma coisa após 19h20, agora me lembro, não é a hora, sequer tinha comigo um relógio, mas a chuva, é da chuva que devo recordar, a chuva que era forte e que era fria e que acumulava nas folhas das árvores e nos caía como lágrimas sobre uma colônia de formigas, a chuva não foi empecilho para que cada um de nós, testemunhas daquela noite, parássemos e, de alguma maneira, fosse ela qualquer das maneiras, abríssimos os olhos e víssemos não só o rapaz da moto, não só o velho à beira da morte, não só a mãe, mas todos os que lá estavam e que jamais estariam outra vez.

Quando choramos, tínhamos os olhos bem abertos.

Levantei-me e fui até a porta, alguma coisa me dizia para voltar. Olhei para fora e vi a rua coberta de chuva, as pessoas que aos poucos se dispersavam. Depois, fechei os olhos e pensei como seria o fim, assim, tudo escuro. O medo súbito fez-me abrir os olhos. Ainda estávamos todos ali.

referências

D'ORIO, Paolo. O Eterno Retorno. Gênese e Interpretação. Tradução de Emani Chaves. *Cadernos Nietzsche*, vol. 20, pp. 69-114, 2006.

EINSTEIN, Albert. *Sobre a electrodinâmica dos corpos em movimento*. 1905. Disponível em: <<https://www.ime.usp.br/~rvicente/Einstein.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2017.

SARAMAGO, José. *Ensaio Sobre a Cegueira*. 14ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SAUDELLI, Lucia. Heráclito Latino: Um caso de estudo. *Anais de Filosofia Clássica*, Rio de Janeiro, vol. V, nº 9, pp. 46-60, 2011.